

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

O DEBATE DO ESPAÇO PÚBLICO NAS PERIFERIAS: UMA EXPERIÊNCIA DE CARTOGRAFIA SOCIAL COM AS CRIANÇAS DO RIO COMPRIDO - SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

**Renata Lisboa Faria, Karina Maine Gomes, Letícia Leite de Souza Machado,
Marina Cyrino Forti, Fabiana Felix do Amaral e Silva.**

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi,
2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil
reenatalisboa@gmail.com, karinamainecontato@gmail.com, lett.leite@gmail.com,
c.forti.marina@gmail.com, fabiana.amaral@gmail.com.

Resumo

O presente trabalho visa apresentar e discutir a questão relativa aos locais da infância na cidade, tendo como recorte contextual a realidade de crianças moradoras da periferia. O debate em torno das crianças como potenciais agentes de criação e transformação no campo da Arquitetura e Urbanismo, em especial na área do Planejamento Urbano, pautou-se em revisão teórica e discussão de ação prática realizada com crianças moradoras do bairro Rio Comprido em São José dos Campos – SP, na disciplina eletiva Tópicos Especiais de Habitação em parceria com o Projeto “Cartografias sociais e metodologias participativas: por uma análise técnica e comunitária”, que tem atuado junto à comunidade do Rio Comprido desde 2018¹. Objetiva-se propor o pensamento crítico acerca da formação e estruturação urbana contemporânea, bem como contribuir com novas formas de se pensar e habitar as cidades.

Palavras-chave: Espaço público. Infância. Desigualdade social. Planejamento Urbano.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas - Arquitetura e Urbanismo.

Introdução

A discussão acerca da inclusão de pautas referentes à infância dentro do Planejamento Urbano é recente frente a história do urbanismo, tendo sido considerada a questão das crianças na cidade apenas a partir do final do século XIX e começo do século XX (SILVA, 2016. TERRA DO NASCIMENTO; BRANCHER; FORTES DE OLIVEIRA, 2008). Essa questão, constante aos desdobramentos do urbanismo, na prática atual aparece relegada apenas à designação dos espaços que a criança irá ocupar; lugares, esses, físicos ou virtuais, muitas vezes dissociados da cidade em que estão inseridos.

Conforme apontado pela Fundação Abrinq, em sua publicação “Cenário da Infância e Adolescência no Brasil” (2023), em 2022 cerca de 82% dos jovens de 0-19 anos viviam em situação urbana e, dos jovens de 0-14 anos, 50,8% viviam em situação de pobreza (figuras 1 e 2). O mesmo dado foi reforçado por estudo publicado pela UNICEF, “As Múltiplas Dimensões da Pobreza na Infância e na Adolescência no Brasil: Estudo sobre as privações de direitos que afetam crianças e adolescentes no País” (2023),

¹ O debate, reflexões e experiências aqui relatadas associam-se inicialmente ao corpus de análise do projeto de extensão pesquisa-ação “Cartografias sociais e metodologias participativas: Por uma análise técnica e comunitária”, coordenado pelos pesquisadores do Nepacs – Núcleo de pesquisa-ação e cartografias sociais/Univap (2018 - em andamento).

Nota: As atividades de campo relatadas tiveram o respaldo da orientação metodológica do projeto acima referido. Parte das análises e proposições foram elaboradas no âmbito da interconexão do projeto de extensão com o espaço de uma disciplina eletiva e de um Trabalho de Final de Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Univap, em desenvolvimento pela autora Renata Lisboa Faria, sob a orientação da Profª Fabiana Felix do Amaral e Silva, também autora do artigo. As demais autoras, Karina e Letícia, participaram como alunas e Marina Cyrino Forti participou como estagiária docente na disciplina Tópicos Especiais de Habitação. Destaca-se a fundamental contribuição do Profº Roberto V. Grossmann como um dos professores da disciplina eletiva, acompanhando o debate sobre espaços livres e orientando o desenvolvimento das propostas de uso e ocupação do espaço público do bairro em análise.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

no qual é apontado que, hoje, no Brasil, mais de 60% da população situada na faixa etária de 0-17 anos vive na pobreza.

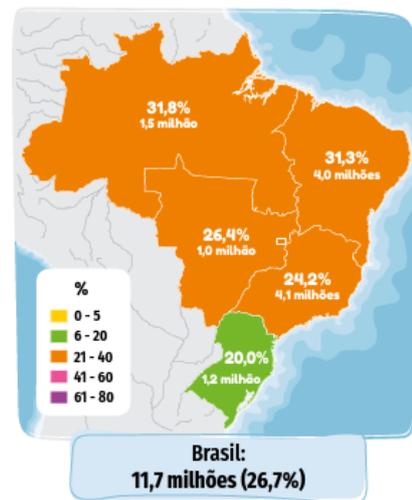
Figuras 1 e 2 - Infográfico sobre o percentual de crianças vivendo na faixa da pobreza e extrema pobreza no país.

Crianças e adolescentes de 0 a 14 anos de idade vivendo com renda domiciliar mensal *per capita* de até um quarto de salário-mínimo - Brasil e grandes regiões, 2021



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua).

Crianças e adolescentes de 0 a 14 anos de idade vivendo com renda domiciliar mensal *per capita* de mais de um quarto até meio salário-mínimo - Brasil e grandes regiões, 2021



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua).

Fonte: Fundação Abrinq, mar. 2023.

Trazendo o debate em torno do acesso à cidade por parte desse contingente populacional, discussões interdisciplinares são essenciais para que possam ser consideradas questões da infância vinculadas a, por exemplo, erradicação da pobreza dentro das possibilidades do Planejamento Urbano, uma vez que também são cidadãos e carregam consigo grande potencial transformador.

Dentro de um contexto de constante mudança social, o Planejamento Urbano aparece como ferramenta fundamental de coesão entre as demandas que se fazem presentes no âmbito das cidades, uma vez que abrange várias áreas do conhecimento ao tratar de questões não apenas sociais mas também técnicas; dessa forma, a estruturação dos planos de desenvolvimento das cidades pode reforçar ou confrontar a sistemática existente nos meios convencionais de se pensar a urbe e habitar o espaço, a depender dos olhares de como e para quem serão designados os terrenos urbanos, como afirmado por Silva em:

O planejamento urbano representa, quiçá, a forma mais deflagrada da domesticação programada do espaço público, uma vez que as diretrizes de uso e ocupação da cidade se institucionalizam através da administração pública e, portanto, constituem-se como um potente instrumento de controle hegemônico do espaço. É através de decisões ou deliberações em instâncias gestoras, amiúde politiquieiras, que muitos projetos são legalizados - apesar, às vezes, de regulamentações urbanísticas contrárias - a fim de emplacar mecanismos imobiliários de valorização financeira da cidade (SILVA, 2016, 97).

Espaço público e periferias: Acompanhando as transformações dos modos de produção, que trazem consigo implicações sociais no modo de viver e habitar os espaços. A formatação dos centros urbanos é um reflexo dos paradigmas de seu funcionamento (CARLOS, 2020).

A construção de localidades desigualmente estruturadas nos centros urbanos é fundamental para a sustentação das hierarquias estabelecidas dentro de uma sociedade capitalista, uma vez que ao restringir o acesso e uso de equipamentos públicos por parte de uma parcela

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

(marginalizada) da população, é tirado desses indivíduos um de seus direitos: o acesso à cidade. Com isso, há de se pensar, inclusive, na alteração estabelecida na relação do sujeito com seu local de moradia - cujo sentido de habitar torna-se estar no espaço e não mais de pertencer a ele, como trazido por Lefebvre: o "habitar" (que contempla o sentido criativo do ato de apropriação inerente à vida humana) dá lugar ao "habitat" como momento constitutivo do espaço abstrato (CARLOS, 2020).

Através do processo de produção do espaço, há o surgimento de periferias irregulares, cujas formas de ocupação do território se dão de maneira única frente àquela realidade. As relações entre indivíduo e cidade estão intrinsecamente relacionadas à sua realidade econômica. Para que seja possível o acúmulo de capital por uns, há de se ter outros que serão perversamente afetados - tornando os indivíduos "excluídos" como, na realidade, incluídos dentro da posição sistemática que devem ocupar para manutenção das hierarquias de poder (CANETTIERI, 2016; MARTINS, 1997).

Sem amparo do Estado e condição financeira, fica sob responsabilidade da própria comunidade pensar maneiras de organização e encontrar soluções de sobrevivência, como discutido por Pardo e colaboradores ao tratar do tema em seu artigo:

No contexto desses territórios socialmente invisibilizados, que estão localizados nas periferias e nos fragmentos de áreas centrais estrategicamente rejeitados pelos especuladores imobiliários, coexistem diferentes lógicas de formalidades e informalidades, além de organizações autônomas de modos de vida que estão pautadas em uma outra perspectiva de cidade, relacionada com o fortalecimento da comunidade, da coletividade e da afetividade (PARDO; ARAÚJO; BASTOS; ROCHA, 2019, 2).

A infância na periferia: As crianças, em sua condição comunicativa e perceptiva únicas àqueles que estão em fase de desenvolvimento, apreendem significados através, também, do contato com a cidade. Os locais que frequentam, os cenários pelos quais passam e os serviços aos quais tem acesso são instrumentos de aprendizado tanto quanto os ensinamentos empíricos ensinados no modelo tradicional de ensino. Lima, em seu livro "A cidade e a criança", discorre sobre o impacto do meio sobre o indivíduo, sobretudo na infância, como pode ser visto no trecho:

É num espaço físico que a criança estabelece a relação com o mundo e com as pessoas; e ao fazê-lo esse espaço material se qualifica. [...] O espaço material é, pois, um pano de fundo, a moldura, sobre o qual as sensações se revelam e produzem marcas profundas que permanecem, mesmo quando as pessoas deixam de ser crianças (LIMA, 1989, 13).

O conceito de infância muito foi transformado ao longo do tempo (TERRA DO NASCIMENTO; BRANCHER; FORTES DE OLIVEIRA, 2008). As considerações em torno de quais os locais das crianças dentro da cidade refletem o conceito conforme sua época. Os espaços destinados à infância foram passando do campo para o ambiente urbano, ocupavam espaços públicos, ruas, escolas, e, na medida em que intensas transformações sociais e urbanas aconteciam, foram perdendo seu espaço e sendo restringidas ao ambiente escolar, playgrounds e lazeres privados (SILVA, 2016).

Independentemente de qualquer posição social, a criança passa por paradigmas comuns ao modelo de vida contemporâneo - o mundo digital cada vez mais presente, tomando o lugar do espaço físico; individualização e privatização de lazeres e espaços de convívio; supressão da infância nos espaços públicos.

Considerado o contexto exposto, é possível entender que a maneira com que cada criança será afetada por estes fatos está relacionada à sua realidade econômica, essencialmente. Portanto, faz-se um recorte para aquelas que, além de estarem num grupo de pouca ação social, inserem-se também na condição mais precária da hierarquia socioeconômica: as crianças da periferia. Esse grupo social, em específico, contempla indivíduos vulneráveis, econômica e politicamente, mas que carregam consigo grande potencial de transformação se considerados e incluídos verdadeiramente nos processos de planejamento e construção das cidades. No campo de desenvolvimento de estudos em torno da relação infância e cidade, autores da educação e sociologia trazem que: "Tratar a criança e a cidade demanda retomar o que está na base do pensamento sociológico, que é a relação indivíduo vs. sociedade, mas

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

também a tocar em outra variável, igualmente complexa, agência vs. estrutura” (MULLER; NUNES, 2014).

Rio Comprido, São José dos Campos (SP): Situado no município de São José dos Campos, às margens do Rio Comprido, o bairro surge como ocupação de terra de forma irregular - formato mantido até os dias de hoje. Apesar de possuir uma estruturação de vias (parte pavimentada, parte de terra), energia elétrica, água, esgoto e coleta de lixo, não conta com o reconhecimento municipal enquanto bairro nos termos da lei.

A população residente do bairro, marginalizada geográfica e politicamente, conta com a oferta de apenas uma estrutura pública: a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Infantil Mercedes Maria Perotti, que estende seu atendimento aos cidadãos a outras áreas além da educação, como lazer, prática de esportes, atendimentos de assistência social; estabelecendo, dessa forma, um vínculo fundamental e exclusivo de amparo às famílias. Através de contato com a escola, ações de Cartografias Sociais puderam ser concretizadas junto aos moradores, trazendo informações sobre a dinâmica da comunidade (ver: MACIEL; SILVA; RESCHILIAN; ROSADO, 2016).

Visto isso, a disciplina eletiva “Tópicos Especiais de Habitação” (realizada no primeiro semestre letivo de 2023), integrante do curso de Arquitetura e Urbanismo da Univap, objetivou não somente debater, mas também propor reflexões aprofundadas sobre o uso dos espaços públicos em áreas periféricas e, ainda, sugerir possibilidades concretas de ocupação e aproveitamento desses espaços a partir do entendimento das necessidades daquele local junto aos moradores - levantamento de dados, este, viabilizado com a realização de atividade extensionista.

Metodologia

Revisão sistemática de literaturas que abordam o pensar e o fazer urbano, sobretudo a partir da ótica da produção capitalista do espaço, a relação entre cidade-criança e a potencialidade contida nessa inter-relação. A partir disso, pôde ser elaborada uma ação, considerando o método de cartografia social (ACSELRAD, 2013) como norteador para a produção de resultados a serem discutidos. A relevância das crianças enquanto sujeito principal deve-se ao potencial transformador, de renovação e criação comuns à faixa-etária da primeira infância, bem como ao fato de que, ao serem atendidas as demandas desse grupo (da primeira infância), os benefícios urbanos não serão exclusivos a ele.

As atividades de campo relatadas no presente artigo tiveram o respaldo da orientação metodológica do projeto de extensão pesquisa-ação “Cartografias sociais e metodologias participativas: Por uma análise técnica e comunitária”, coordenado pelos pesquisadores do Nepacs – Núcleo de pesquisa-ação e cartografias sociais/Univap (2018 - em andamento). O projeto é aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Paraíba CEP/UNIVAP10, sob o registro CAAE 14438219.0.0000.5503.

A elaboração da proposta de projeto teve como base os dados e elementos cartografados nas atividades de campo desenvolvidas, de maneira colaborativa e participativa, envolvendo ativamente as crianças do bairro.

Resultados

Oficina com as crianças moradoras do bairro Rio Comprido: Através do contato entre o Núcleo de Pesquisa e profissionais da educação da EMEFI Mercedes Maria Perotti, situada no bairro, foi possível a organização da atividade em um sábado que haveria a presença dos alunos e responsáveis na escola por motivos de reunião de pais e confraternização de dia das mães.

A realização aconteceu no dia 6 de maio de 2023 e contou com a presença de cerca de 40 crianças com idades, em média, de 6 a 10 anos. A oficina foi dividida em três momentos: leitura de história, para estimular o pensamento sobre o bairro em si; desenho, em trio, sobre mapa do bairro impresso (tamanho A3), com objetivo de identificar os principais trajetos feitos e o que havia no caminho moradia-escola-lazer das crianças; e, por fim, um desenho livre sobre as perguntas “o que eu mais gosto no meu bairro?”, “o que eu gostaria que tivesse aqui, que não tem hoje?” - desenho este inicialmente proposto em trios, porém ao longo da dinâmica foi solicitado pelas crianças que cada um pudesse fazer o seu individualmente. Foram obtidos 15

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

mapas e 37 desenhos. Houve criança que quis levar o desenho embora, houve também quem não quisesse desenhar.

Dentre os desenhos obtidos, alguns apareceram como simbólicos à opinião geral das crianças, e serão aqui apresentados (figuras 3, 4, 5, 6, 7, 8).

A resposta mais recorrente ao questionamento de “o que eu mais gosto no meu bairro?” foi a própria casa. Já a pergunta “o que eu gostaria que tivesse aqui, que não tem hoje?” obteve como resposta mais recorrente espaços de lazer e prática de esportes. Nessa última categoria de desenhos, observou-se a recorrência da presença de elementos da natureza, como sol, árvores, flores, pássaros e água, por exemplo.

Figuras 3 e 4 - Desenhos produzidos na oficina. Cada conjunto por uma criança.



Fonte: Acervo de pesquisa, mai. 2023.

É importante que seja, na leitura dos resultados obtidos, considerado o contexto de um bairro periférico de extrema precariedade de infraestrutura. Foi possível identificar anseios por estruturas básicas em espaços públicos de outros bairros da cidade como parquinhos, como visto nas figuras 3, 4, 5 e 6, por exemplo.

Há de se chamar a atenção para o desenho que contém a comunicação de uma situação comum a ela (criança), entretanto, de extremo risco à sua integridade física: o andar de bicicleta junto ao tráfego de caminhões (figura 5). Na ausência de locais adequados, ocupa-se o que há disponível, sendo saudável e seguro ou não. Na figura 6, é possível constatar a casa da criança, um balanço (elemento comum ao parquinho), postes de iluminação, balões, flores, nuvens, sol, trazendo à tona a perspectiva do olhar infantil do que seria um espaço ideal para ocupar.

A frase presente na figura 7, “casa mecho no celular”, também é significativa quanto à realidade de desconexão das crianças com locais de brincar; ao preferirem os filhos brincando em casa, por falta de locais seguros no bairro, as famílias motivam que atividades virtuais como jogos de celular sejam preferidas com relação às atividades que precisam de condições espaciais como brincar na rua com os vizinhos, por exemplo. Cabe ressaltar que as moradias existentes nesse contexto não possuem quintal ou área disponível para o livre brincar; a realidade de cômodos pequenos e materialidade precária também exercem papel importante na hora de se escolher como brincar.

Com o texto em que a criança tenta expor o que mais gosta no bairro (figura 8), é exposta a dificuldade das crianças em identificar “o que eu mais gosto no meu bairro?”. Ao escrever dois itens positivos (que por sinal são pontos particulares) e “e é só isso”, a criança enfatiza a pobreza de seu gosto pelo local em que mora; para além dos locais de vínculo afetivo, particulares, não há local de pertencimento, coletivo, que seja positivo às crianças.

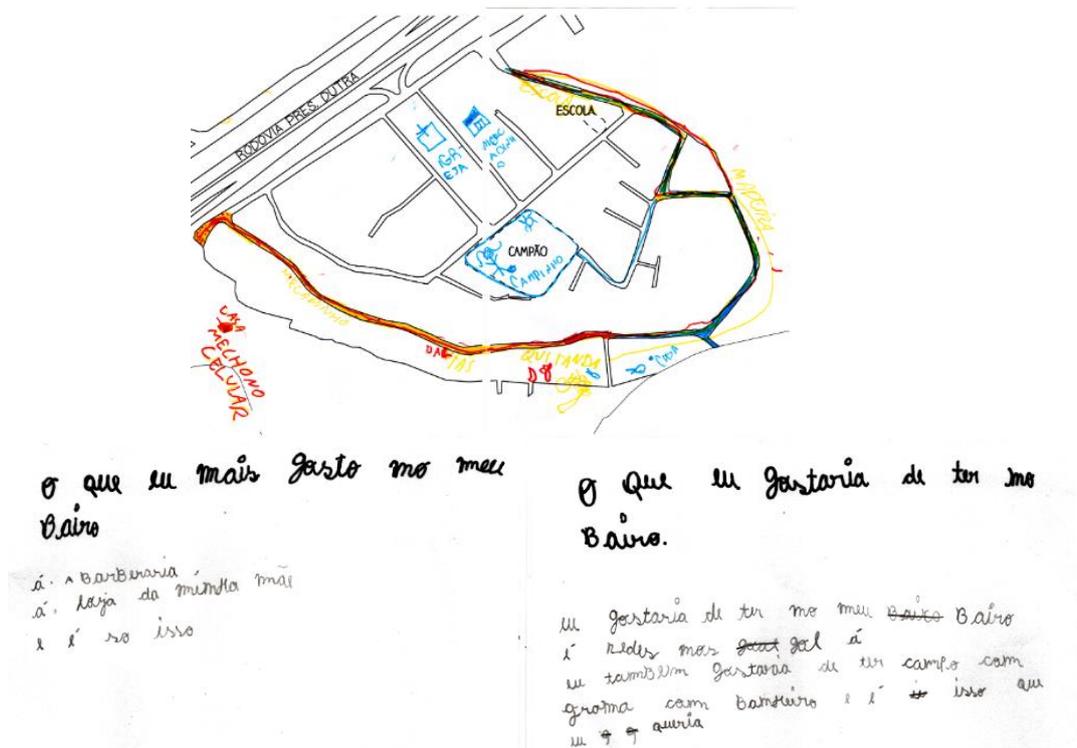
A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Figuras 5 e 6 - Desenhos produzidos na oficina, cada um por uma criança. O primeiro responde a ambos os questionamentos, o segundo apenas ao “o que gostaria que tivesse aqui, que não tem hoje?”.



Fonte: Acervo de pesquisa, mai. 2023.

Figuras 7 e 8 - Mapa e texto² produzidos na oficina. O mapa foi realizado em trio e o texto, individual.



Fonte: Acervo de pesquisa, mai. 2023.

Visto isso, na disciplina de Tópicos de Habitação de Interesse Social os alunos desenvolveram proposições de intervenção no "Campão", local em que os moradores mais se identificavam e que mais foi mencionado durante interação na atividade realizada na escola, mas que por falta de equipamentos públicos básicos, como iluminação e área de lazer, não exerce toda a função da qual tem potencial, consequentemente, não sendo utilizado para o bem estar na maior parte do tempo. Dessa forma, o intuito das propostas foi voltado para a tentativa de incluir o "Campão" na vivência dos moradores do bairro, assim trazendo a eles o bem estar social, lazer e sentimento de pertencimento, além de oferecer

² Transcrição do texto na figura 8: "O que eu mais gosto no meu bairro: Ah, a barbearia; Ah, loja da minha mãe; e é só isso.", "O que eu gostaria de ter no bairro: eu gostaria de ter no meu bairro é redes nos gols, ah, eu também gostaria de ter campo com grama com banheiro e é isso que eu queria".

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

alternativas voltadas à geração de renda e soluções sustentáveis. Na apresentação do local elaborada, procurou-se enfatizar a centralidade do terreno subutilizado e sua proporção de área perante o arruamento do bairro, como ilustrado pela figura 9:

Figura 9 - Locação do “Campão” no bairro Rio Comprido.



Fonte: os autores, jun. 2023.

O ciclo projetual proposto engloba oito itens - (1) Ecoponto de Coleta Seletiva, (2) Horta Comunitária, (3) Espaço para realização de Feiras, (4) Praça, (5) Pista de caminhada, (6) Academia ao Ar Livre, (7) Playground e (8) Quadra Poliesportiva, materializados em atividades conforme setorização ilustrada na figura 10. As intervenções possuem influência umas sobre as outras e relacionam-se entre si, o que impulsiona o movimento e adesão do projeto, de forma que tornam-se interdependentes. O ecoponto e a horta comunitária foram vistos como ponto de partida para a implementação de uma nova forma de economia local para os moradores, em que os próprios residentes realizariam a coleta seletiva e a produção de adubo para cultivo de vegetais e hortaliças, podendo, posteriormente, ser comercializados nas feiras instituídas. Através disso, o projeto proposto pelo grupo forma uma sequência cíclica, partindo das premissas de requalificar o espaço de permanência, atrair segurança, lazer e economia local e valorizar a linguagem do bairro, com intervenções em pequena escala que desenvolvem-se em cima das temáticas sociais: meio ambiente, renda e trabalho, espaço de permanência, bem-estar social e lazer e cultura.

Figura 10 - Setorização das propostas de atividades a serem desenvolvidas no “Campão”.



Fonte: os autores, jun. 2023.

O projeto aqui apresentado, com a implantação proposta ilustrada nas figuras 11 e 12, apoia-se no conceito de um espaço que se autogere, por conta da falta de apoio público e a marginalização do bairro à sociedade. É considerado também uma abordagem intergeracional, de forma que os resultados do projeto beneficiem não apenas indivíduos, mas grupos e famílias, ao oferecer atividades e equipamentos para todos os moradores do bairro, incentivando o pertencimento.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Figuras 11 e 12 - Implantação das propostas no "Campão".



Fonte: os autores, jun. 2023.

Discussão

O papel das cartografias sociais no reconhecimento das demandas, percepções e proposições da comunidade: As chamadas "novas cartografias sociais" buscam desafiar a cartografia oficial do estado, questionando o uso de mapas como ferramentas políticas, explorando as possibilidades e limitações da representação cartográfica, e revelando a linguagem da cartografia como uma forma de conhecimento e poder em disputa. Isso propõe um debate acadêmico sobre representações espaciais, o uso de cartografias como instrumentos de luta, tecnologias sociais de gestão e sistemas de informações, cujo controle é um objeto de disputa, como destacado por Acselrad (2010).

Henri Acselrad em seu trabalho "Cartografia Social, Terra e Território" (2013) destaca que as experiências independentes de mapeamento muitas vezes se opõem às direções de expansão das fronteiras de acumulação do capital, representando uma leitura não dominante dos territórios que ocupam.

Este artigo evidencia a importância da cartografia social como instrumento metodológico capaz de realizar leituras comprometidas com a realidade e as vivências dos que habitam o território. Vale salientar, que a experiência aqui relatada está associada a pesquisa-ação "Cartografias sociais e metodologias participativas: Por uma análise técnica e comunitária", coordenado pelos pesquisadores do Nepacs – Núcleo de pesquisa-ação e cartografias sociais/ Univap e, portanto, apoiou-se nos estudos e análises realizadas pela equipe de alunos e pesquisadores, bem como, na orientação metodológica para aplicação das oficinas e para análise dos dados.

Um outro ponto de destaque reside na oportunidade que o processo de curricularização da extensão, atualmente em implementação na Universidade do Vale do Paraíba, tem oferecido. Essa oportunidade se traduz na capacidade de correlacionar as experiências e reflexões provenientes do projeto mencionado anteriormente com a proposta da disciplina eletiva "Tópicos Especiais de Habitação".

Através do contato com as crianças, foi possível começar a elaborar um melhor entendimento sobre o ponto de vista daquela faixa etária sobre o bairro em que moram. Desde o comportamento ao ouvir a história, a divisão dos grupos e, conseqüentemente, assuntos em comum tratados em cada um deles, até os desenhos finais, inúmeras foram as informações apreendidas sobre o ser e estar urbano infantil. No geral, pôde-se perceber dificuldade por parte de um grande número de crianças em ler e se situar frente ao mapa fornecido, da mesma forma em que parecia difícil a descrição dos caminhos que percorriam para ir à escola, por exemplo. Em um dos grupos, sabia-se o número de ruas que viravam, mas não a direção e nem pontos referenciais que pudessem servir de guia para a situação no mapa.

Por meio dos resultados obtidos na oficina com as crianças, da visita técnica no bairro Rio Comprido e somada ao estudo de pesquisas anteriores, foi realizada uma análise na qual foi possível entender a necessidade dos moradores - principalmente das crianças - em relação a equipamentos básicos de

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

lazer e cultura, além de também verificar a falta de infraestrutura nos outros temas, como meio ambiente, renda, trabalho e mobilidade.

Os desenhos apresentados, ou textos (por parte daqueles que não quiseram desenhar), podem ser vistos como expressão das crianças sobre uma parte de seus anseios. Perceber a dificuldade, de modo geral entre o grupo, em pontuar algo que gostassem no bairro além de suas casas, mostra a situação de precariedade urbana em que estão inseridas; da mesma forma, não foi fácil para algumas pontuar algo que gostariam de ter, e isso traz à tona a problemática tão presente em comunidades desprovidas de estrutura urbana e carência socioeconômica, educacional, enfim: torna-se difícil sonhar, uma vez que não se conhece sequer uma possibilidade para além da realidade insalubre vivida. O desejo de coisas extremamente básicas como rede nas traves de gol e elementos de natureza no cenário urbano também aparece como um ponto sinalizador de que não se tem nem o básico.

A análise cíclica elaborada no projeto proposto pressupõe que a interação dentro da temática renda e trabalho geraria movimento para o espaço do “Campão”, uma vez que ao incluir uma função social na área, essa passa a ter justificativas para ser acessada. Com base nisso, fez-se essencial o fortalecimento do “Campão” também como espaço de permanência, ao ser inserido na proposta uma área destinada a cumprir a função de praça, com bancos e mesas, de forma que o lugar não faça alusão apenas à passagem de pessoas, mas também para contemplação e lazer. Somado a esse propósito, tem-se também o desenho de uma pista de caminhada, um playground, uma academia ao ar livre e uma quadra poliesportiva, itens todos que incentivam o dinamismo do espaço e podem ser realizados localmente.

A requalificação da área subutilizada tem como intenção principal ressignificar a visão dos moradores diante do próprio bairro, ao fazer da comunidade parte tanto da elaboração, quanto da realização de mudanças em seu território. O dinamismo enfatizado na proposta é uma necessidade e uma solução para a falta de segurança associada ao espaço, fator que impacta diretamente na escassez de lazer e investimento. A preocupação principal do projeto foi considerar todos os registros e relatos coletados e inseri-los em uma única composição, possível de ser realizada sem recursos públicos.

Conclusão

A partir da realização da atividade proposta junto às crianças moradoras do bairro, pôde ser confirmada a realidade de exclusão ao acesso a estruturas que garantam direitos fundamentais ao desenvolvimento infantil, bem como o exercício de cidadania por parte desses cidadãos que pouco são considerados como motivo. Com a escuta dos relatos e contato com as crianças percebeu-se, também, a dinâmica diferenciada peculiar às comunidades marginalizadas, em que o reconhecimento do espaço e relações pessoais acontecem pautadas na afetividade e senso de comunidade, apesar das condições de pobreza urbana.

Para além da escola, a cidade também é fundamental à educação; em especial, à educação cidadã. Dessa maneira, incluir as crianças nos questionamentos sobre o bairro em que vivem apresentou uma série de respostas significativas sobre a desigualdade do acesso à cidade, mostrando a realidade extremamente desigual com que se é feita a manutenção da estrutura capitalista de produção dos espaços urbanos. Com a contribuição de um novo olhar às formas de se habitar a cidade, bem como trazer o debate em torno do assunto da garantia de condições saudáveis ao desenvolvimento da vida nas periferias, é visada a diminuição de desigualdades tão grandes ao acesso a estruturas urbanas tão básicas que, até hoje, são realidade no Brasil.

Referências

ACSELRAD, H. **Cartografia social, terra e território**. In: Revista Brasileira De Estudos Urbanos E Regionais, 16(1), 223. Coleção Território, Ambiente e Conflitos Sociais. Rio de Janeiro: IPPUR - UFRJ, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.22296/2317-1529.2014v16n1p223>> Acesso: 15 ago. 2023.

CANETTIERI, T. **A cidade capitalista na produção dos excluídos e os excluídos na produção da cidade capitalista: o paradoxo da exclusão urbana**. Revista Geolngá, v. 8, n. 1, p. 64-83, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/geolng.v8i1.49334>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

CARLOS, A. F. A. **Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o “direto à cidade”**. Rev. Direito e Práxis, Rio de Janeiro, v.11, n.01, p.349-369, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2179-8966/2020/48199>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Cenário da Infância e Adolescência no Brasil**. 2023. Disponível em: <<https://www.fadc.org.br/publicacoes>> Acesso em: 15 ago. 2023.

LIMA, M. W. de S. **A Cidade e a Criança**. São Paulo: Nobel, 1989.

MACIEL, L. M.; SILVA, F. F. DO A.; RESCHILIAN, P. R.; ROSADO, A. M. DA C. **Por uma cartografia social dos espaços de vida irregulares: um estudo de caso da reconstrução comunitária do território em São José dos Campos (SP)**. In: Caminho Aberto: Revista de extensão do IFSC, 14, 25–40. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/caminhoaberto/article/view/3023>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MARTINS, J. S. **O falso problema da exclusão e o problema social da inclusão marginal**. In: Exclusão social e a nova desigualdade. São Paulo: Paulus, 1997, pp. 25-38.

MULLER, F.; NUNES, B. F. **Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento**. Dossiê: “Infância e cidade: perspectivas analíticas para as áreas de Educação e Sociologia”. Educ. Soc., Campinas, v. 35, n. 128, p. 629-982, jul.-set. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/ES0101-7330201435128129342>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

PARDO, M. R.; ARAÚJO, A. C. O. de; BASTOS, D. L.; ROCHA, M. L. F. **Co-criando a cidade com crianças e adolescentes articulações e reflexões a partir de experiências em espaços educativos**. In: Anais XVIII ENANPUR, Natal, 2019. 23p. Disponível em: <<http://xviiienanpur.anpur.org.br/anais-sts>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SILVA, B. M. H. **LudiCidade: episódios urbanos do brincar**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo; São Carlos, 2016. 250p. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-30062016-095305/pt-br.php>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

TERRA DO NASCIMENTO, C.; BRANCHER, V. R.; FORTES DE OLIVEIRA, V. **A Construção Social do Conceito de Infância: uma tentativa de reconstrução historiográfica**. Revista Linhas, Florianópolis, v. 9, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1394>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

UNICEF. **As múltiplas dimensões da pobreza na infância e na adolescência no Brasil**. 2023. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/relatorios/as-multiplas-dimensoes-da-pobreza-na-infancia-e-na-adolescencia-no-brasil>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

Agradecimentos

Agradecemos à comunidade do bairro do Rio Comprido, aos funcionários e alunos da Escola EMEFI Mercedes Maria Perotti. À participação do Profº Roberto Grossmann na orientação das propostas e a todos os alunos e alunas que participaram da disciplina eletiva "Tópicos Especiais em Habitação". Agradecemos também aos pesquisadores e alunos e alunas do Nepacs - Núcleo de Pesquisa-ação e Cartografias Sociais - Univap.